Transições Demográficas, Escolhas e Futuros: Evidências da Pesquisa *Demographic Futures Survey* (UNFPA, 2026)

Transiciones Demográficas, Elecciones y Futuros: Evidencias de la Encuesta Demographic Futures Survey (UNFPA, 2026)

Demographic Transitions, Choices, and Futures: Evidence from the Demographic Futures Survey (UNFPA, 2026)

Priscilla Paiva Gê Vilella dos Santos, Maria Teresa Rossetti Massari e Maria Auxiliadora Souza Mendes Gomes

Resumo: No presente artigo analisamos os principais resultados da pesquisa *Demographic Futures Survey 2026*, conduzida pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), com o objetivo de compreender as aspirações e os desafios enfrentados por jovens de 18 a 39 anos em 73 países. A pesquisa revela que, embora a maioria dos jovens valorize a formação de parcerias e a parentalidade, a concretização desses projetos de vida é fortemente limitada por fatores estruturais, com destaque para a insegurança econômica, a instabilidade política e social e a falta de apoio institucional. As transformações demográficas contemporâneas, como o adiamento da formação familiar e a baixa fecundidade, são reflexos de um descompasso entre as aspirações juvenis e as condições sociais, econômicas e institucionais disponíveis, demandando políticas públicas integradas que promovam a autonomia, a equidade de gênero e a redução das desigualdades.

Palavras-chave: Dinâmica Populacional; Fatores Socioeconômicos; Saúde Global.

Resumen: *En este artículo analizamos los principales resultados de la encuesta Demographic Futures Survey 2026, realizada por el Fondo de Población de las Naciones Unidas (UNFPA), con el objetivo de comprender las aspiraciones y los desafíos que enfrentan los jóvenes de 18 a 39 años en 73 países. La encuesta revela que, aunque la mayoría de los jóvenes valora la formación de pareja y la parentalidad, la concreción de estos proyectos de vida se ve fuertemente limitada por factores estructurales, especialmente la inseguridad económica, la inestabilidad política y social y la falta de apoyo institucional. Las transformaciones demográficas contemporáneas, como el aplazamiento de la formación familiar y la baja fecundidad, reflejan un desajuste entre las aspiraciones juveniles y las condiciones sociales, económicas e institucionales disponibles, lo que exige políticas públicas integradas que promuevan la autonomía, la equidad de género y la reducción de las desigualdades.*

Palabras clave: *Dinámica Poblacional; Factores Socioeconómicos; Salud Global.*

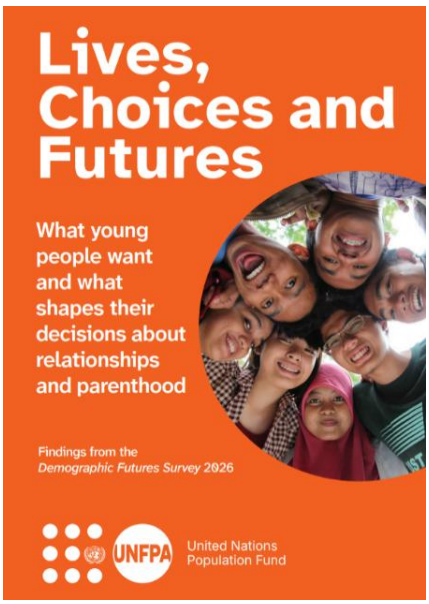
Abstract: *In this article, we analyze the main results of the Demographic Futures Survey 2026, conducted by the United Nations Population Fund (UNFPA), aiming to understand the aspirations and challenges faced by young people aged 18 to 39 in 73 countries. The survey reveals that, although most young people value partnerships and parenthood, the realization of these life projects is strongly constrained by structural factors, particularly economic insecurity, political and social instability, and a lack of institutional support. Contemporary demographic*

transformations, such as the postponement of family formation and low fertility, reflect a mismatch between youth aspirations and the available social, economic, and institutional conditions, demanding integrated public policies that promote autonomy, gender equity, and the reduction of inequalities.

Keywords: *Population Dynamics; Socioeconomic Factors; Global Heatlh.*

Introdução

As últimas décadas têm sido marcadas por importantes mudanças demográficas, marcadas principalmente pela queda das taxas de fecundidade, pelo aumento da expectativa de vida e pelo envelhecimento populacional. Esses fatores transformam profundamente as condições de vida, as estruturas familiares, a dinâmica das cidades e a organização do mercado de trabalho em todo o mundo.



Nas últimas décadas, diversos países têm registrado o adiamento na formação de parcerias, a redução das taxas de casamento e a queda da fecundidade para níveis historicamente baixos. Embora esse fenômeno tenha sido inicialmente associado a um grupo relativamente pequeno de países de alta renda, ele também tem sido observado em contextos de média renda, tornando-se um tema central para o debate sobre mudanças demográficas e políticas públicas no mundo.

Dois terços da população mundial vivem atualmente em um país ou região onde a taxa de fecundidade total é inferior a 2,1 filhos por mulher, nível comumente associado à estabilidade do tamanho da população ao longo do tempo. A baixa fecundidade não se restringe mais a um grupo relativamente pequeno de países de alta renda. Ela é agora evidente em uma ampla variedade de contextos, incluindo muitos países de renda média.

No ano passado, o relatório *Situação da População Mundial 2025* do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), trouxe a "Real crise da fertilidade" e as novas evidências sobre as aspirações familiares. O relatório mostrou que muitas pessoas não conseguem concretizar suas intenções reprodutivas, seja ter mais filhos, menos filhos ou ter filhos no momento que preferir. Os resultados reprodutivos, frequentemente refletem não uma escolha livre, mas sim limitações relacionadas à insegurança econômica, instabilidade na relação, acesso inadequado a serviços de saúde reprodutiva e a distribuição desigual das responsabilidades de cuidado.

Em julho de 2026, com o objetivo de compreender as aspirações e os desafios enfrentados pelos jovens na construção de seus projetos de vida, a mesma organização publicou a *Demographic Futures Survey*, uma das maiores pesquisas internacionais sobre o tema.

O levantamento reuniu respostas de 108.926 pessoas de 18 a 39 anos, residentes em 73 países e territórios (Figura 1), investigando suas expectativas em relação a relacionamentos, casamento, parentalidade e transição para a vida adulta.

Tabela – Distribuição dos países e territórios dos respondentes, segundo região (UNFPA, 2026).

Região	Número	Países e territórios
Estados Árabes (incluindo os países do Conselho de Cooperação do Golfo)	8	Egito, Jordânia, Líbano, Marrocos, Catar, Arábia Saudita, Somália, Tunísia.
Ásia e Pacífico	16	Afeganistão, Bangladesh, Butão, Camboja, Índia, Indonésia, Japão, República Democrática Popular do Laos, Malásia, Paquistão, Filipinas, República da Coreia (Coreia do Sul), Singapura, Sri Lanka, Tailândia, Vietnã.
Europa Oriental e Ásia Central	15	Azerbaijão, Bósnia e Herzegovina, República Tcheca, Estônia, Geórgia, Hungria, Cazaquistão, Kosovo*, República Quirguiz (Quirguistão), Macedônia do Norte, Polônia, República da Moldávia (Moldova), Sérvia, Ucrânia, Uzbequistão.
África Oriental e Austral	6	Botsuana, Etiópia, Quênia, África do Sul, Uganda, Zâmbia.
América Latina e Caribe	13	Argentina, Bolívia (Estado Plurinacional da Bolívia), Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai.
África Ocidental e Central	3	Camarões, Gana, Nigéria.
Europa Ocidental, Austrália, Canadá e Estados Unidos da América	12	Austrália, Canadá, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Reino Unido, Estados Unidos.

**Contexto da Resolução 1244 (1999) do Conselho de Segurança das Nações Unidas.*

O estudo investiga como fatores econômicos, sociais e culturais influenciam as decisões dos jovens, considerando aspectos como percepções de oportunidades e desigualdades, expectativas sobre relacionamentos e papéis de gênero, condições de moradia, uso das redes sociais e preocupações ambientais. Também examina os ideais de fecundidade, o tamanho das famílias efetivamente alcançado e os fatores que favorecem ou dificultam a decisão de ter filhos.

Compreender essas transformações demográficas exige analisar, portanto, as condições sociais, econômicas e institucionais que influenciam as escolhas individuais. Para isso, a pesquisa analisa três dimensões interligadas: ***(i)*** os objetivos de vida e as perspectivas para o futuro; ***(ii)*** a formação de relacionamentos e parcerias; e ***(iii)*** as aspirações e experiências relacionadas à parentalidade. Os principais resultados serão apresentados por seção, conforme essas dimensões.

Importante destacar que a pesquisa não é representativa das populações nacionais, pois contempla apenas adultos jovens conectados à internet. Assim, seus resultados devem ser interpretados como evidências sobre percepções, aspirações e experiências desse grupo em diferentes contextos globais e não como estimativas populacionais. Ainda assim, a pesquisa

amplia a compreensão sobre as transformações demográficas contemporâneas e seus resultados reforçam que as escolhas dos jovens em relação aos relacionamentos, à formação da família e à parentalidade estão fortemente influenciadas pelas condições sociais, econômicas e institucionais em que vivem.

A seguir, apresentamos os principais resultados do *Demographic Futures Survey 2026*, considerando as dimensões apontadas.

Objetivos de vida e perspectivas para o futuro

A pesquisa solicitou aos participantes que avaliassem a importância atribuída a diferentes objetivos e marcos da vida. A *segurança econômica* e a *saúde física* aparecem como as metas mais valorizadas, sendo amplamente consideradas as bases para a realização de outros projetos de vida.

Em um segundo nível de prioridade aparecem as metas ligadas ao *desenvolvimento individual*, como concluir os estudos, alcançar objetivos profissionais e conquistar independência em relação aos pais. Esses resultados indicam que autonomia financeira e inserção no mercado de trabalho constituem etapas fundamentais da transição para a vida adulta.

A *vida familiar*, incluindo ter um parceiro(a) e filhos, é considerada importante por 73% dos respondentes e muito importante por 45%. Por outro lado, ter uma *ampla rede de amigos* é o objetivo que recebe menor prioridade relativa. Apesar de ainda ser considerado importante por parte dos respondentes, apresenta a menor proporção de respostas na categoria "muito importante" (20,4%) e os maiores percentuais de avaliações neutras ou de pouca importância.

Há pouca variação entre homens e mulheres e entre diferentes regiões do mundo. As principais diferenças estão relacionadas ao ciclo de vida: jovens mais novos tendem a valorizar mais educação e carreira, enquanto os mais velhos atribuem maior importância à vida familiar. Em conjunto, esses achados sugerem que, independentemente do contexto geográfico, os projetos de vida da juventude estão fortemente orientados para a busca de segurança econômica, saúde e autonomia, condições que sustentam a realização de objetivos familiares e pessoais.

Os entrevistados também foram questionados sobre o quão positivos se sentem em relação ao futuro. A maioria dos entrevistados relata sentimentos positivos em relação ao futuro, apesar de também expressarem preocupações com uma série de riscos econômicos, sociais e globais. Dois terços reportam sentir-se, em média, um pouco ou muito positivos em relação ao futuro, incluindo quase 30% que mantêm uma visão muito positiva. No entanto, cerca de 15% expressam sentimentos um pouco ou muito negativos, enquanto aproximadamente um em cada cinco tem uma perspectiva neutra.

Os sentimentos em relação ao futuro são amplamente consistentes por idade e sexo, mas diferenças substanciais surgem entre os agrupamentos regionais. Essas diferenças devem considerar que, embora a análise aplique pesos de pós-estratificação por sexo, idade e nível educacional, os entrevistados eram adultos jovens com acesso à internet e podem diferir da população jovem em geral em outros aspectos.

As percepções positivas em relação ao futuro são marcadamente mais elevadas em contextos de menor renda. Na África Ocidental e Central, 62% dos entrevistados relatam sentir-se muito positivos em relação ao futuro, enquanto o número correspondente é de 48% na África Oriental e Austral. Na Europa Ocidental, Austrália, Canadá e Estados Unidos apenas 19% relatam sentir-se muito positivos.

Um gradiente semelhante é evidente entre os grupos de países por nível de renda. Os entrevistados em países de baixa e média-baixa renda são os mais otimistas em geral, com quase 37% relatando sentir-se muito positivos em relação ao futuro, em comparação com quase 33% em países de renda média-alta e pouco mais de 21% em países de renda alta. Por outro lado, percepções neutras e negativas são mais comuns em contextos de maior renda, particularmente na Europa Ocidental, Austrália, Canadá e Estados Unidos.

Quando os entrevistados foram questionados sobre suas preocupações para o presente e o futuro, Conflitos e segurança e Insegurança econômica e inequidades foram as questões que geraram maior apreensão. Para ambas, a soma das respostas “Muito preocupante” e “Um pouco preocupante” ultrapassa 75%, com cerca de 50% dos entrevistados optando por “Muito preocupante”. Isso as coloca no topo da escala de preocupação.

Saúde global e riscos ambientais e Governança e riscos políticos formam um segundo grupo. Embora ainda sejam consideradas preocupantes por uma maioria substancial (com a maioria das respostas concentradas em “Um pouco preocupante” e “Muito preocupante”), os percentuais de “Muito preocupante” são visivelmente menores do que os dois primeiros itens.

A Inteligência Artificial (IA) é a preocupação de menor classificação em toda a amostra, embora quase metade dos entrevistados ainda a classifique como um pouco ou muito preocupante. Uma parcela comparativamente grande de entrevistados também selecionou uma resposta neutra em relação aos riscos, indicando que as opiniões sobre esse assunto são menos definidas do que para outras preocupações perguntadas.

Em relação a como percebem oportunidades e desigualdades e o apoio que recebem de governos e empregadores em seus países, os resultados revelam um paradoxo interessante. De um lado, 58% dos entrevistados concordam ou concordam plenamente que os jovens em seus países têm muitas oportunidades à disposição. Por outro lado, 60% deles também acreditam que existem desigualdades profundas entre os próprios jovens. Ou seja, a oportunidade existe, mas não está distribuída de forma justa.

Quando o assunto é apoio institucional, 39% sentem que seus governos oferecem suporte significativo à juventude. O número é igualmente baixo quando se avalia o apoio a pais com crianças pequenas ou a capacidade dos empregadores de promover um equilíbrio saudável entre trabalho e família (41%).

Essa percepção sobre as oportunidades está longe de ser uniforme ao redor do mundo. Quando olhamos para diferentes regiões, um contraste nítido se desenha. Na África Ocidental e Central, na Ásia e no Pacífico e nos Estados Árabes, entre 63% e 74% dos jovens concordam que pessoas como eles têm muitas chances na vida. Já na Europa Ocidental, Austrália, Canadá e Estados Unidos, assim como no Leste Europeu, na Ásia Central e na América Latina, esse percentual cai para cerca de 50%. A mesma tendência se repete quando separamos os países por nível de renda: nos países de baixa e média-baixa renda, 67% dos jovens enxergam um

horizonte cheio de possibilidades; nos de renda média-alta, esse número é de 56%; e nos de renda alta, de apenas 53%.

No que se refere ao uso de redes sociais e internet, a pesquisa revela que o entretenimento lidera o ranking com 42% dos jovens que dedicam duas ou mais horas diárias a ele. Em seguida vêm trabalho ou negócios (37%), busca por informações (32%) e contato com amigos e familiares (28%). O uso menos frequente é para namoro ou encontrar parceiros — 55% dos jovens afirmam não gastar nenhum tempo online com esse propósito.

Os contrastes regionais são profundos. Jovens da África Oriental e Austral e da América Latina são os mais engajados, com cerca de metade deles passando duas ou mais horas por dia online para entretenimento, trabalho e informação. Já na Europa Ocidental, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Leste Europeu, os níveis de uso diário são significativamente menores. Quando analisados por renda do país, jovens de países de baixa e média renda passam mais tempo online do que os de países ricos, sendo que em países de renda média-alta, o uso para entretenimento e contato com a família é ainda maior, enquanto o uso para trabalho, namoro e expressão pessoal diminui conforme a renda aumenta.

As diferenças por sexo são mais modestas: homens usam um pouco mais as redes para namoro, enquanto mulheres tendem a usá-las mais para compras. Já a idade mostra contrastes mais fortes: entretenimento, informação e contato com a família são atividades que declinam com o avanço da idade, enquanto o uso profissional da internet atinge seu pico entre 25 e 29 anos. Por fim, a escolaridade também desenha um perfil claro: jovens com mais estudo dedicam menos tempo a atividades casuais como namoro online, influenciadores e compras, mas usam um pouco mais as redes para fins profissionais.

Formação de relacionamentos e parcerias

Como já mencionado, para muitos jovens, formar e manter relacionamentos afetivos continua sendo uma prioridade, mas os caminhos que levam ao namoro, à união e ao casamento estão mudando. Ao mesmo tempo, novos obstáculos sociais e econômicos tornam mais difícil construir uma família. Neste sentido, a pesquisa investigou como os jovens enxergam questões como morar junto sem casar-se, ter filhos fora do casamento, optar por não ter filhos, se divorciar e conciliar trabalho e cuidado dos filhos.

Um dos achados mais reveladores é a diferença de tratamento entre homens e mulheres quando o assunto é trabalho e criação dos filhos. Os jovens entrevistados são mais propensos a desaprovar mães que trabalham em tempo integral enquanto têm filhos pequenos (menores de três anos) do que pais na mesma situação. Em média, 29% desaprovam ou desaprovam fortemente a mulher que trabalha fora com filhos pequenos, enquanto esse número cai para 20% quando se trata do homem. Ou seja, o julgamento recai de forma mais pesada sobre as mulheres, revelando que expectativas tradicionais sobre o papel materno ainda estão muito presentes.

De modo geral, a maioria dos jovens aprova ou mantém uma posição neutra em relação a escolhas como morar junto sem se casar, ter filhos fora do casamento e decidir não ter filhos. Essas opções, que há algumas décadas seriam vistas com estranhamento, hoje são mais aceitas.

Homens são significativamente mais propensos do que mulheres a desaprovar o divórcio com filhos pequenos e a decisão de nunca ter filhos. Homens mais jovens desaprovam o divórcio com filhos pequenos em proporções maiores do que homens mais velhos. Já entre as mulheres, o movimento é oposto. As mais jovens desaprovam menos a escolha de não ter filhos do que as mais velhas, sugerindo que a ideia de uma vida sem filhos ganha mais aceitação entre as novas gerações femininas.

Além disso, quanto maior o nível educacional, menor a desaprovação em relação a todas as situações familiares analisadas. A educação parece ampliar a tolerância e a compreensão sobre escolhas de vida diversas. Além disso, jovens que vivem em áreas rurais tendem a ser mais conservadores em suas opiniões do que os que vivem em centros urbanos.

As diferenças regionais, por sua vez, são igualmente marcantes. Os jovens dos Estados Árabes são os que mais desaprovam todas as situações familiares analisadas, enquanto os da Europa Ocidental, Austrália, Canadá, Estados Unidos e América Latina estão na ponta oposta, com os menores índices de desaprovação.

A pesquisa também investigou como os jovens adultos estão organizando sua vida afetiva e de moradia. O retrato que emerge é o de uma geração que, em sua maioria, está solteira — e não apenas solteira, mas também sem estar namorando (*dating*). Esse é o arranjo mais comum em todas as regiões e em todos os grupos de renda, abrangendo em torno de 40% dos entrevistados em toda a amostra.

Em segundo lugar, aparecem os jovens que são legalmente casados ou estão em união registrada e moram com o cônjuge ou parceiro, representando 25% do total. Logo depois vêm aqueles que estão namorando, mas ainda não moram juntos, com 13%. A situação menos frequente é estar casado ou em união registrada, mas não viver com o parceiro.

Sugere-se que a juventude contemporânea está adiando ou repensando os caminhos tradicionais para a formação de casais. Seja por escolha, seja por dificuldades econômicas ou sociais, o que se vê é uma geração que toma mais tempo para engatar relacionamentos estáveis e a dividir o mesmo teto com um parceiro.

Em relação aos arranjos ideais *versus* reais e aspirações de parceria, o casamento ainda ocupa um lugar importante, embora os caminhos para chegar até ele sejam diversos. Mais de dois terços dos entrevistados veem o casamento como parte de seu projeto de vida. E desses, 36% preferem se casar antes de morar juntos, os outros 34% optam por morar junto primeiro e se casar depois.

Cerca de 9% dos jovens preferem a união consensual sem planos de casamento, enquanto 5% gostariam de ter um parceiro, mas sem dividir a mesma casa. 16% dos entrevistados afirmam que seu arranjo ideal é permanecer solteiro uma escolha que ganha força especialmente entre os mais jovens, com 21% dos entrevistados de 18 a 19 anos preferindo essa opção, número que cai para 14% entre aqueles com 35 a 39 anos.

As diferenças regionais são profundas e revelam muito sobre os valores culturais em cada parte do mundo. Nos Estados Árabes, o caminho tradicional do casamento sem morar junto antes é amplamente predominante, com 66% dos jovens optando por essa via. O mesmo padrão aparece com força na Ásia e no Pacífico (49%) e na África Ocidental e Central (46%). Em contraste, nas regiões mais ocidentais (Europa Ocidental, Austrália, Canadá, Estados Unidos,

Leste Europeu e Ásia Central e América Latina), a maioria dos jovens (cerca de 40%) prefere morar junto primeiro e se casar depois.

A preferência por permanecer solteiro aparece como a terceira opção mais citada em todas as regiões, mas com variações importantes, sendo mais alta na América Latina (22%) e na Ásia e Pacífico (20%), e mais baixa no Leste Europeu e Ásia Central (10%) e na África Ocidental e Central (11%).

A renda dos países também demonstra influenciar. Em países de baixa e média-baixa renda, o casamento antes de morar é a escolha preferida de 54% dos jovens. Já nos países de renda média-alta e alta, a preferência se inverte — morar junto e depois se casar é a opção mais comum. A união consensual sem intenção de casar também é mais aceita como arranjo ideal em países de alta renda (13%) do que naqueles de renda média-alta (8%) ou baixa e média-baixa (4%).

No que tange a como os casais se conheceram, as redes pessoais, como amigos e familiares, continuam sendo o principal canal para conhecer parceiros (33%), seguidas pelo ambiente escolar ou profissional (28%) e pelos canais digitais e sociais, que empatam com 16% cada. O uso de plataformas online é mais comum na Europa Ocidental, América do Norte e Austrália (21%) e menos frequente na África Ocidental e Central (7%). Homens e mulheres têm comportamentos parecidos, mas jovens mais velhos tendem a conhecer parceiros por redes pessoais, enquanto os mais novos recorrem mais à escola e ao trabalho.

Entre os que estão procurando um parceiro, a maior parte da busca se dá na escola ou trabalho (33%), redes pessoais (32%) e aplicativos de namoro (31%). Nas regiões mais ricas, os aplicativos lideram, enquanto em países de baixa renda predominam a escola/trabalho e as redes pessoais. O uso de aplicativos cresce com a idade, enquanto a busca por parceiros na escola ou no trabalho diminui entre os mais velhos.

E das motivações para formar uma parceria, a segurança financeira é a principal motivação para formar uma parceria estável, com 81% dos jovens considerando-a importante e 57% classificando-a como muito importante. O bem-estar emocional, a independência dos pais e o desejo de ter filhos também pesam, assim como as normas sociais e comunitárias, que ainda influenciam 56% dos jovens. Esse padrão é consistente em todas as regiões, mas a segurança financeira é ainda mais valorizada na África, onde cerca de 70% a consideram essencial, e entre jovens de países mais pobres.

As restrições econômicas e de moradia, por sua vez, são a principal barreira apontada pelos jovens para formar uma parceria, mencionadas por 57% dos entrevistados como um obstáculo importante. Em seguida vêm as dificuldades de encontrar um parceiro compatível, enquanto normas sociais e discriminação aparecem como os menores impedimentos. Esse padrão se repete em todas as regiões e níveis de renda. As mulheres tendem a considerar cada barreira um pouco mais relevante do que os homens, especialmente no que diz respeito à disponibilidade de parceiros.

Aspirações e experiências relacionadas à parentalidade

Em praticamente todas as regiões e níveis de renda, ter dois filhos é o ideal mais comum entre os jovens. Esse é o desejo de 32% dos entrevistados em países de baixa e média-baixa

renda, 41% em países de renda média-alta e 45% em países de alta renda. O padrão se repete na Ásia e Pacífico, América Latina, Europa Ocidental, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Leste Europeu e Ásia Central, e Estados Árabes, onde dois filhos é a escolha predominante.

Na África Oriental e Austral, o ideal de dois filhos ainda é significativo, mas famílias maiores são mais comuns, com três filhos e quatro filhos sendo os números mais citados. Já na África Ocidental e Central, a maioria sonha com três, seguido por quatro e cinco ou mais. Nos Estados Árabes, embora dois filhos ainda liderem, três filhos e famílias maiores aparecem com mais frequência do que nas regiões ocidentais. A escolha por não ter nenhum filho é mais comum em países de alta renda.

Homens desejam ter, em média, 2,62 filhos, enquanto as mulheres preferem 2,43. Em todas as regiões, exceto na África Ocidental e Central, os homens almejam famílias ligeiramente maiores do que as mulheres, padrão que se repete em todos os níveis de renda. As diferenças por idade são modestas, mas variam conforme a região: em algumas partes do mundo, o número ideal de filhos cai com o envelhecimento; em outras, sobe; na maioria, porém, permanece estável ao longo da vida.

Dentre as pré-condições para ter filhos, a segurança financeira lidera essa lista. Em seguida vêm o emprego estável e a prontidão psicológica ou emocional. Ter casa própria e ter um cônjuge ou parceiro também são valorizados. Fatores como ter viajado ou explorado o mundo, embora relevantes, são considerados menos essenciais do que aqueles ligados à estabilidade financeira, profissional e emocional.

E quando perguntados sobre o que os motiva para ter filhos, razões pessoais e emocionais pesam mais do que questões sociais ou políticas. “Trazer alegria e felicidade” é a motivação dominante. “Fortalecer o relacionamento com o parceiro” vem em segundo lugar. Já motivações ligadas a políticas governamentais ou preocupações com a força de trabalho são as menos citadas.

Assim como os motivos, os obstáculos também são claros. A principal barreira apontada pelos jovens para ter filhos são as restrições econômicas e de moradia. A falta de um parceiro adequado vem na sequência. Esses três fatores formam o tripé que mais impede os jovens de concretizar a parentalidade.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa revelam uma juventude que, apesar das incertezas econômicas, conflitos e transformações rápidas, mantém uma notável capacidade de esperança e desejo de construir projetos de vida significativos. A maioria dos jovens ainda valoriza profundamente a parceria e a parentalidade, entretanto, a concretização desses projetos é frequentemente limitada por fatores como insegurança econômica, o alto custo de vida, instabilidade política, crises ambientais e climáticas, conflitos humanitários, desigualdades, obstáculos para encontrar um parceiro ou parceira e as rápidas transformações tecnológicas, que tem influenciado em suas decisões sobre casamento, parentalidade e planejamento de vida.

As diferenças regionais e sociais são profundas: enquanto na África Subsaariana as famílias numerosas seguem sendo o ideal e o otimismo prevalece, no Ocidente rico cresce o número daqueles que preferem não ter filhos e a desconfiança em relação ao apoio institucional

é maior. Em todos os lugares, porém, as mulheres carregam o peso de expectativas mais rígidas. São mais julgadas por trabalhar enquanto criam filhos pequenos e consideram cada barreira para a parentalidade mais importante do que os homens.

Políticas públicas voltadas para oportunidades econômicas, emprego de qualidade, habitação acessível, creches, moradia licenças parentais equitativas, flexibilidade no trabalho e promoção da igualdade de gênero são fundamentais para ampliar a autonomia dos jovens. As políticas demográficas devem priorizar os direitos individuais, garantindo que cada pessoa tenha liberdade e condições para decidir sobre seus relacionamentos, sua família e seu futuro.

Referência

Fundo de População das Nações Unidas. *Lives, choices and futures: demographic futures survey* [Internet]. Nova York: UNFPA; 2026 [citado 2026 ago 3]. Disponível em: unfpa.org